

# NOSSAS VENERÁVEIS MÃES ESTÃO DANÇANDO!

## *OUR VENERABLE MOTHERS ARE DANCING!*

Narcimária Correia do Patrocínio Luz<sup>1</sup>

**Resumo:** A cultura afro-brasileira, em sua linguagem, instituições e valores, estrutura a identidade de um povo que luta, no decorrer da história, por uma afirmação existencial própria, em um contexto plural. Este artigo dedica-se a compararmos sistemas civilizatórios, europeu e africano, em seus diferentes modos de educação e comunicação, especialmente no que se refere a nossa tradição cultural afro-brasileira, realçando e problematizando os valores e as formas de comunicação. São formas de comunicação que constituem um universo simbólico singular, moldando as narrativas de elaboração de mundo, que incitam a participação direta, Inter dinâmica, pessoal, ou intergrupar, constituindo, através de uma combinação sistêmica, um repertório de mitos, contos, cantigas, códigos de cores, música, polirritmia de base percussiva, vestuário, códigos de gestos, compondo danças e dramatizações. Destaca-se, com veemência, a erudição da episteme africana e suas linguagens transcendentais, indicando outras perspectivas que envolvem o seu rico universo comunicacional.

**Palavras-chave:** Arkhé. Comunalidade. Alteridade civilizatória afro-brasileira. Educação.

**Abstract:** The African-Brazilian culture, and its language, institutions and values provide a structure for the identity of a people who have struggled throughout history for their own existential statement in a plural context. This article is dedicated to comparing the different forms and modes of education and communication between European and African civilizing systems, especially in regards to the African-Brazilian cultural tradition, enhancing and questioning the values and forms of communication. These are forms of communication that constitute a unique symbolic universe, forming the world that elaborates narratives, which encourage direct inter-dynamic, personal, or inter-group participation, constituting themselves through systemic combinations: repertory of myths, tales, songs, color codes, polyrhythmic percussive musical frameworks, clothing, gestures, and the composition of dances and dramas. African epistemology and scholarship is highly emphasized, as are its related transcendental languages, indicating other perspectives involving a rich universe of communication.

**Keywords:** Arkhe. Commonality, civilization African-Brazilian Otherness, Education.

SE SE KURUDU  
AYABA LA NJO

*Nossas veneráveis Mães estão dançando*  
*Nossas veneráveis Mães estão dançando*  
*Nossas Mães antigas estão dançando*

<sup>1</sup> Doutora em Educação—UFBA; Pós-Doutorado em Comunicação e Cultura— UFRJ; Coordenadora do PRODESE— Programa Descolonização e Educação Grupo de pesquisa que integra o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-Cnpq..

## INTRODUÇÃO

A dança atravessa os tempos e nos reúne, aqui e agora, em torno da infinitude dos princípios de ancestralidade que ela carrega.

O princípio de ancestralidade africana ergue-se nos primórdios da humanidade, através da compreensão de cosmogonias, e aí estão as forças cósmicas que dinamizam este mundo visível, o *aiyê*, e o *orun*, o mundo invisível. Nada existe sem essas dinâmicas que se intercambiam para que esse mundo não se acabe. São essas dinâmicas cosmogônicas que sustentam a humanidade, a existência, e permitem a descendência. A ancestralidade carrega os princípios masculino e feminino da existência e se perde na noite dos tempos. Então, quando falamos de ancestralidade, estamos nos referindo aos princípios inaugurais da existência que irão constituir a fundação de territorialidades, famílias, instituições, comunalidades e vínculos de sociabilidades enriquecidas por valores éticos e estéticos, que asseguram a continuidade de uma civilização.

A dança nasce no alvorecer da humanidade, caracterizando uma composição de linguagens que promovem narrativas fundamentais dos princípios que regem a trajetória da humanidade e das comunalidades afro-brasileiras.

*SE SE KURUDU*

*AYABA LANJO*

Começamos nos aproximando, no início deste ensaio, de uma das representações simbólicas fundamentais nas comunalidades afro-brasileiras, as Grandes Mães Ancestrais, que carregam o poder da fertilidade feminina, a representação de maternidade, a fertilidade e a fecundidade.

Apelamos para a música percussiva, envolta ao som do xquerê, em homenagem às *Iyás Agbá*. Nessa música, temos uma preciosa ilustração, comunicando que a dança acompanha a vida, as dramatizações estabelecendo o processo contínuo da sociabilidade humana, “a temporalidade da narrativa que fala por assim dizer, de cada aspecto ontológico da historicidade, isto é, do devir da humanidade”.

A dança nos permite presentificar acontecimentos míticos, aproximando-nos de tempos imemoriais, das descrições de experiências vividas pelos/ as ancestrais, da relação dialética entre vida e morte, rememorando e reverenciando famílias, linhagens

e personalidades exponenciais que contribuíram para expandir e fortalecer a comunalidade, remeter a lugares sagrados, alianças e conflitos, dramatizações que contam a história de afirmação das nossas comunalidades.

## NOSSAS VENERÁVEIS MÃES ESTÃO DANÇANDO!

### ENTRE PLUMAGENS E ESCAMAS A GESTAÇÃO

Com a criação da Terra e das florestas, *Olorun* enviou ao *Aiyê*, este mundo, sete pássaros. Três pousaram na árvore do bem, três pousaram na árvore do mal, e um sempre se desloca de uma árvore para a outra, continuamente, garantindo a dinâmica ininterrupta da existência, para que esse mundo não se acabe.

Os sete pássaros representam o poder feminino das *Iya-mi-Agba*, as mães ancestrais, transformadas em pássaros exuberantes, imponentes, com seus corpos envolvidos por ricas plumagens, que emanam força vital, poder de gestação, fertilidade ou, também, considerando a ambiguidade dos voos que realizam entre as árvores, a composição das condições existenciais que mobilizam o mistério da existência, ou seja, ressarcimentos e restituições.

Sobre esses princípios dinâmicos que magnificam as mães ancestrais, *Olorun* adverte os grandes pássaros, que não devem abusar dos poderes que ele lhes conferiu. Para aqueles(as) que as respeitarem e as reverenciarem darão filhos e alimentos, e, aos que as desrespeitarem e/ou subestimarem seus poderes, castigarão e matarão.

As *Age* ou *Exame* constituem a representação de maternidade, fertilidade e fecundidade relacionadas ao princípio feminino da existência e *Oxum*, *Olori-Iya Agba Aje Eleye* chefe suprema das mães ancestrais possuidoras de pássaros, as representa coletivamente. O que caracteriza o mistério e poder das *Iya-mi* é a capacidade de criação e gestação da terra, *Igba-nla*, a grande cabaça ventre fecundada. Para tanto, ela deve ser constantemente ressarcida, restituída e umedecida, pois ela é constantemente solicitada para gerar abundância de grãos. Nos rituais *gelede*, *Efe*, pássaro filho, aparece do âmago da floresta. Ele representa os poderes das *Aje*. (LUZ, 1995, p. 84-85)



A trajetória ou dinâmica existencial de nós “mulheres negras” está representada na dinâmica dos voos dos pássaros, em que, no contexto adverso do colonialismo e do neocolonialismo, continuamos a expandir e a manter o vigor das nossas comunalidades.

Sete corresponde ao movimento, à dinâmica que essas mulheres desencadeiam, proporcionando fecundidade, fertilidade, riqueza e expansão do corpo comunitário, e assegurando o ciclo de descendência, como nos conta o mito.

As árvores representam a essência, a ancoragem, o solo de origem para o qual os pássaros, circulando em vários territórios, sempre retornam, assegurando o ciclo da vida e proporcionando o devir.

É essa dinâmica que atravessa as nossas vidas, como mulheres de descendência africana, que, envolvidas pelos voos dos pássaros e os movimentos que caracterizam o pouso entre as duas árvores, fronteiras míticas, nos projetam para transitar, com sabedoria, dignidade e força, em territorialidades adversas, eivadas pelas políticas genocidas e de abandono, cujos valores e ordem jurídica, que constituem uma extensão das relações de prolongação neocolonial, tentam nos subjugar e nos tornar inférteis.

Mas como exercer o princípio feminino da existência nessas territorialidades caracterizadas pela ordem produtivista urbano-industrial, extensão da política de embranquecimento da razão de Estado?

Transformando-nos em pássaros! Exercendo o poder de mutação que herdamos das nossas mães ancestrais, adquirindo força, o axé necessário para manter intactas as plumagens que simbolizam nossos filhos(as). Erguendo constantemente as nossas asas e garras poderosas dos pássaros inaugurais, para manter o direito à existência de nossos(as) filhos(as) e todo o corpo comunitário enriquecido de ancestralidade.

Sobre isso, cabe lembrar aqui as lideranças femininas, expoentes nas Américas, que hoje integram a corrente mítica das mães ancestrais. Uma delas é Mãe Aninha, a Iyá Oba Biyi, a outra Mãe Senhora Axiá, Iyalorixá Oxum Miuwa. A Iyá Oba Biyi nos indicou o grande desafio que se apresenta, para nós descendentes de africanos, que temos de coexistir com o mundo sobre determinado pela política de embranquecimento: “de anel no dedo aos pés de

Xangô”. O anel representa os códigos de valores que tentam nos submeter ao “manto de ferro” das relações que envolvem o mundo dos valores neocoloniais. É Xangô que delimita a territorialização dos valores civilizatórios africanos que organizam e institucionalizam as dinâmicas comunitárias, o vigor socioexistencial que se expande em muitas gerações. Xangô, orixá do fogo, assegura a vida no Aiyê, a expansão de linhagens, da existência concreta ininterrupta, filhos, descendência, ancestralidade, continuidade das comunalidades pelos quatro cantos do mundo, presença transatlântica dos valores culturais.

Mãe Senhora, Iyalorixá Oxum Miuwa, destacou-se por criar estratégias de continuidade dos valores da tradição africana no Brasil. Ela criou a expressão, “da porteira pra dentro, da porteira pra fora”. Através dessa expressão, Mãe Senhora procurou estabelecer relações que legitimassem e afirmassem o contínuo civilizatório africano, presente nas comunalidades, no âmbito da sociedade neocolonial.

Essa referência mítica das Iya-mi-Agba, as mães ancestrais, permite-nos transcender a generalidade “mulher negra”, que tende a fixar a existência feminina de origem africana da “porteira pra fora”, nos privando e afastando “da porteira pra dentro”, num “lugar” destituído de nossa comunalidade, onde não existem árvores inaugurais, nem espaço para os voos imponentes dos grandes pássaros, que repercutem contemporaneamente no nosso existir.

Nossa geração aprendeu a alçar grandes voos, a reconhecer do alto as grandes árvores fundadoras, e a saber lidar, com perspicácia, com a essência de ambas.

Através da simbologia dos voos e das grandes árvores fundadoras, as populações negras ergueram cidades, instituições, espaços legítimos que asseguram a pulsão de vida e modos de existir que caracterizam diversas comunidades no Brasil, que (re)criam de modo extraordinário os valores e as linguagens milenares, legados dos/as nossos/as ancestrais. A linguagem que atravessa o viver cotidiano das comunidades afro-brasileiras é originariamente do repertório das culturas de participação, que caracterizam e expressam elaborações milenares, especialmente no contexto da Bahia, que expressa a pujança do continuum civilizatório africano.



## CULTURAS DE PARTICIPAÇÃO

A linguagem que atravessa o viver cotidiano das comunidades afro-brasileiras é originariamente do repertório das culturas de participação, que caracterizam e expressam elaborações milenares, especialmente no contexto da Bahia, que expressa a pujança do continuum civilizatório africano.

A experiência adquirida na convivência contínua e intermitente com as comunalidades afro-brasileiras, especificamente no que se refere às questões relativas aos modos e formas de comunicação, em que temos tido a oportunidade de produzir conhecimentos pertinentes à presença civilizatória africana nas Américas, leva-nos agora a propor um desdobramento e uma ampliação dos aspectos que vêm sendo abordados em pesquisas anteriores.

Estamos nos referindo aos destaques dados às diferenças de linguagem, no âmbito das territorialidades que se afirmam através dos modos e formas milenares de comunicação africana e sua continuidade nas Américas. Em primeiro lugar, procuramos destacar o significado das formas de comunicação, como dimensões básicas na constituição dos diferentes processos civilizatórios, e, portanto, das distintas culturas que desde aí se desdobram. Em segundo lugar, ressaltamos os significados dos conteúdos homólogos às formas de comunicação constituintes de uma determinada vertente civilizatória, visão de mundo que, instituída socialmente, é estruturadora de identidades e dinâmicas comunitárias. Neste ponto, procuramos caracterizar as relações existentes entre os meios de comunicação etnocêntrico-evolucionistas, face às formas de comunicação e às visões de mundo milenares da civilização africana, nas Américas, e de modo especial na Bahia.

A perspectiva de comunicação etnocêntrica, que sobre determina as sociedades contemporâneas, denega a pujante presença de comunalidades milenares, de base africana, que estabelecem no seu cotidiano perspectivas de comunicação em que se transmitem, recriam e expandem os valores ancestrais. As formas de comunicação utilizadas nesses territórios tradicionais apelam para a sociabilidade, relações Inter dinâmicas, interpessoais, princípios e conhecimentos, concepções filosóficas, ética, patrimônio de mitos, toda a complexidade cultural necessária à expansão e à afirmação existencial da

comunalidade. Sentindo-se rejeitada em sua identidade própria, a população afro-brasileira desses territórios não consegue harmonizar sua busca por maiores oportunidades de mobilidade social, com os valores de sua tradição cultural, realçando a gravidade da anomia que inunda a formação social brasileira.

Ao contrário das formas e códigos de comunicação etnocêntricos, em que o corpo fica resumido à relação olho e cérebro, as comunalidades afro-brasileiras propõem formas e códigos de comunicação em que o corpo sai da inércia, sendo estimulado a vibrar no ritmo do cosmo, provocando em si a operacionalidade de todos os sentidos (olfato, audição, paladar, tato e visão).

Esse é um dos desafios que vimos apresentando aos educadores/as, contribuindo, por um lado, para a implosão do monopólio da fala etnocêntrico-evolucionista sobre a existência; e, por outro, promovendo e dando legitimidade à expansão socioexistencial das diversidades culturais, capazes de consagrar uma ética do futuro.

No tocante à comunicação, exploramos o universo complexo que constitui as diversidades culturais, para delas realçar: as identidades profundas que marcam milenarmente as distintas comunalidades afro-brasileiras na Bahia, suas dinâmicas territoriais, instituições, visão de mundo, modo e formas de sociabilidade; cosmogonias, linguagens e valores transcendentais; elaborações emocionais – gênese de criatividade, importante legado para a humanidade, que inunda de poesia o existir.

Como resultado, vamos constituindo um espaço político-institucional que consagre um debate transdisciplinar, realçando a importância das tradições culturais características das comunalidades afro-brasileiras; as formas de comunicação milenares, ainda presentes no cotidiano dessas comunalidades; os princípios cosmogônicos que se desdobram do universo simbólico afro-brasileiro; as concepções filosóficas e as expressões ético-estéticas ancoradas no patrimônio mítico, dando visibilidade e afirmando toda a complexidade cultural necessária à expansão e à afirmação existencial; as novas tendências e perspectivas voltadas para a promoção dos direitos e identidades coletivas; a implosão das utopias do Estado moderno que, durante séculos, impôs o monopólio da fala



da comunicação, recalçando distintos patrimônios civilizatórios; e, finalmente, recomende perspectivas comunicacionais que promovam o direito à alteridade civilizatória.

Todo o impacto das proposições sobre comunicação, a partir do universo africano, tem o intuito de ilustrar como é possível o intercâmbio entre culturas, sem a perda de suas singularidades. É isso! Procurar caminhos que permitam uma ética da coexistência, de respeito à diversidade de civilizações, especialmente no contexto da Bahia, expressão da pujança do continuum civilizatório milenar africano, que estrutura territorialidades e organiza vínculos de sociabilidade importantes.

O expoente cientista social Marco Aurélio Luz afirma, em suas obras, que a linguagem e os valores da tradição africana, nas Américas, se apoiam em instituições que carregam a pujança milenar de linguagens, desde a África. Assim, referências institucionais, como a troca de cordões na capoeira; as graduações nas comunidades de pesca; as elaborações coreográficas do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira, nas Escolas de Samba; as bandas de Tambores do Congo, os Maracatus, Congadas, Jongos, Ticumbis, Sambas de roda, Afoxés etc. Que marcam a dinâmica de continuidade das linguagens e valores afro-brasileiros. São ritos de sociabilização que detêm uma sabedoria milenar, que atravessa os tempos, estabelecendo uma relação com um riquíssimo universo de linguagens a que o compositor Heitor dos Prazeres, se reportava a “Pequenas Áfricas”, fazendo menção à migração de baianos/as para o Rio de Janeiro, no final do século XIX.

No tempo em que ainda as brasileiras, e como sempre as africanas, traziam seus filhos amarrados aos panos nas costas, assentados nas pujantes cadeiras, protegidos de tudo e de todos, acalentados pelo balanço do andar gracioso e ritmado, percorrendo as roças e mercados, nos inícios do século passado, ocorreram levas de emigração de nordestinos, sobretudo, da Bahia para o Rio de Janeiro. (LUZ, 2002, p. 123)

Assim, ficou assegurada a expansão do continuum civilizatório africano, atravessando os tempos e mantendo-se íntegro, consolidado, animando a vida, a pulsão comunal, o prazer de estar junto,

compartilhando elaborações de vida, sensações, emoções e alegrias, face à repressão e às políticas de embranquecimento da razão de Estado.

## A VOZ, E A VEZ DO MORRO

Todas as reflexões feitas até aqui sobre a riqueza do universo comunicacional afro-brasileiro, nos motiva a convidar o leitor para saborear o ritmo e a cadência do samba adornado pela polirritmia percussiva da orquestra afro-brasileira.

Destaco aqui, de modo muito especial, a “Voz do Morro”, composição de Zé Kéti (1952). Outros sambas importantes que nos motivam a pensar o Brasil: “O Morro não tem Vez” (1963), de Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim; “Opinião” (1964), de Zé Kéti; “Alvorada” (1968), de Cartola, Carlos Cachaca e Hermínio Bello de Carvalho.

São sambas que se tornaram lendas na história do Brasil, por várias razões: a primeira, por contarem os modos de insurgência das populações negras e sua competência para fundar territorialidades que recusam o recalque de sua alteridade civilizatória; a segunda, pela poesia que nos emociona e nos leva a dramatizar, por meio da dança e da ginga, as situações que carregam a pulsão de sociabilidade afro-brasileira.

O samba apresenta narrativas, desdobramentos das células comunitárias, responsáveis pela origem das cidades, a arquitetura compondo, em seu traçado urbano, elos de ancestralidade, cosmogonias, hierarquias e instituições.

“Alvorada lá no morro/ Que beleza/ Ninguém chora/ Não há tristeza/ Ninguém sente dissabor/ O sol colorindo é tão lindo/ É tão lindo/ E a natureza sorrindo/ Tingindo, tingindo”. (Cartola, Carlos Cachaca e Hermínio Belo)

É preciso chamar a atenção do leitor para a necessidade de transcender o discurso geográfico, mensurável e estático, que, esquadrinhando os espaços, diz o que é e deve ser o “morro”. O morro aqui é uma metáfora! Em cena, estão todas as territorialidades, no Brasil, imantadas pelo patrimônio de valores e linguagens afro-brasileiras.

“Podem me prender/ Podem me bater/ Podem, até deixar-me sem comer/ Que eu não mudo de opinião/ Daqui do morro/ Eu não saio, não”. (Zé Kéti)



De um lado a geografia e o traçado urbano, eminentemente afro-brasileiro, com suas instituições e hierarquias; de outro, o asfalto (parafrazeando Marco Aurélio Luz), com a sua geografia civilizatória racista e seu traçado urbano asséptico produtivista, voltado para a acumulação de capital.

“A vida não é só isso que se vê, é um pouco mais/Que os olhos não conseguem perceber, e as mãos não ousam tocar, que os pés recusam pisar/ Sei lá não sei, sei lá não sei não/ Não sei se toda beleza de que lhes falo sai tão-somente do meu coração/Em Mangueira a poesia num sobe e desce constante, anda descalço ensinando um modo novo de a gente viver, de cantar, de sonhar, de vencer/ Sei lá não sei, sei lá não sei não, a Mangueira é tão grande que nem tem explicação”. (Hermínio Belo de Carvalho e Paulinho da Viola)

Todos os sambas que destaquei falam das tensões e conflitos entre a singularidade afro-brasileira e as políticas genocidas e de abandono que desencadeiam a dinâmica de violência que vem ceifando a vida de milhares de homens, mulheres, crianças e jovens.

“Escravo no mundo em que estou/ Escravo no reino em que sou/ Mas acorrentado ninguém pode amar/ Mas acorrentado ninguém pode amar/ Chora, mas chora rindo / Porque é valente/ E nunca se deixa quebrar/ Ah, ama, o morro ama/ Um amor aflito, um amor bonito/ Que pede outra história”. (Carlos Lyra)

Apesar de todas essas agressões cotidianas, não esqueçamos a imponência e a altivez do povo negro, que não abre mão do direito de ser e viver suas instituições, como as “pequenas Áfricas”, no Rio de Janeiro, como se referiu Heitor dos Prazeres às comunalidades sob a liderança feminina das baianas, como Tia Ciata.

“Eu sou o samba/ A voz do morro sou eu mesmo sim senhor/ Quero mostrar ao mundo que tenho valor/ Eu sou o rei do terreiro/ Eu sou o samba/ Sou eu quem levo a alegria/ Para milhões de corações brasileiros/ Salve o samba, queremos samba/ Quem está pedindo é a voz do povo de um país/ Salve o samba, queremos samba/ Essa melodia de um Brasil feliz”. (Zé Kéti)

O que isso significa? A institucionalização de políticas públicas que contemplem direitos coletivos, capazes de estabelecer espaços institucionais

de combate ao racismo e suas engrenagens ideológicas, que tendem a tragar a vida e a submeter as populações negras a situações marcadas por muita dor e humilhação.

Então, cantemos a “voz do morro”, num coro uníssono, fazendo repercutir entre as gerações o respeito aos valores das comunalidades afro-brasileiras e o direito de ser e viver suas instituições.

“O morro não tem vez/ E o que ele fez já foi demais/ Mas olhem bem vocês/ Quando derem vez ao morro/ Toda a cidade vai cantar/ Samba pede passagem/ Morro quer se mostrar/ Abram alas pro morro/ Tamborim vai falar/ É um, é dois, é três/ É cem, é mil!”. (Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim)

SAMBA, que apela para todos os sentidos do corpo (tato, audição, visão, paladar, olfato), carregando o jogo, a brincadeira, a dança, a dramatização, a poesia, a polirritmia...Enfim, formas de comunicação que incitam a participação direta, Inter dinâmica, pessoal ou intergrupual, a recriação de outra ordem de valores civilizatórios, para além do europeu.

[...] Cantar, dançar, entrar no ritmo, é como ouvir os batimentos do próprio coração é sentir a vida sem deixar de nela reinscrever simbolicamente a morte...O ritmo negro é uma síntese(sonora) que atesta a integração do elemento humano na temporalidade mítica. Todo som que o indivíduo humano emite reafirma a sua condição de ser singular, todo ritmo a que ele adere leva-o a reviver um saber coletivo sobre o tempo, onde não há lugar para a angústia, pois o que advém é a alegria transbordante da atividade, do movimento induzido. (SODRÉ,1979, p. 24)

E o que é a roda que singra o chão e cria movimentos sincopados para o existir?

Não é nada, não é nada, a roda. Se o vazio ou o traço? Bom, do vazio Deus fez este mundão todo. Não é nada o traço? Mas a criatura só existe quando deixa marca, traça. Para mim, o traço, o vazio, a roda é tudo. Não é nada, não é nada, é tudo. Gosto, moço. Nela meu corpo é meu- parece que nele nem corre sangue, corre mel. Meu corpo, meu corpo/foi Deus quem me deu/ na roda da capoeira/Rarrá!/grande e pequeno



sou elegeu nome é Santugri, moço. Posso dizer que o nome está ligado a meu segredo. Muito mais não posso contar, nem se quisesse, porque eu mesmo não sei. Mas posso dizer, isto sim, que este meu nome foi causa de mudança.

Foi minha sorte moço, pois o som dessa palavra casava fácil com meu corpo, repercutia bem na roda. Santori [...] faz parte de mim, queira ou não. Passarinho não canta por gosto, canta por obrigação. Eu jogo capoeira por cerimônia, por destino. É minha sina, minha sorte. Morrendo, moço, não quero ir pra lugar nenhum, a roda é meu paraíso. (SODRÉ, 1988, p.18)

As instituições afro-brasileiras a que nos referimos estão envoltas na dinâmica do chão, da roda e do samba, dinâmicas que marcam o alvorecer da humanidade, permitindo presentificar acontecimentos míticos, aproximar-se de tempos imemoriais, das descrições de experiências vividas pelos/as ancestrais, da relação dialética entre vida e morte, rememorando e reverenciando famílias, linhagens e personalidades exponenciais, que contribuíram para expandir e fortalecer as instituições, remetendo a lugares sagrados, alianças e conflitos, dramatizações que contam a história de afirmação das nossas comunalidades.

Não podemos abdicar da nossa identidade própria repercutida pela memória dos nossos ancestrais que sempre lutaram para manter a dignidade dos seus descendentes, evitando que nos tornássemos “almas no exílio”, parafraseando Eldridge Cleaver(ano).

## REFERÊNCIAS

CLEAVER, Eldridge. *Alamas no Exílio*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. Salvador: EDUFBA; SECNEB, 1995.

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. 3. ed. Salvador: EDUFBA 2002.

SANTOS, Deoscoredes; LUZ, Marco Aurélio. *O rei nasce aqui*. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Samba o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.